

ENTREVISTA

Space-studies - Spatial Turn

Entrevista realizada pelos Drs. Álvaro Alfredo Bragança
e Daniele Gallindo Silva com o
Prof. Dr. Markus Schroer
Professor de Sociologia Geral na Philipps-Universität Marburg
schroer@staff.uni-marburg.de

Publikationen mais importantes:

- (Ed.) Soziologie des Körpers. Frankfurt am Main.: Suhrkamp, 2005.
- Räume, Orte, Grenzen. Auf dem Weg zu einer Soziologie des Raums. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006. (3. ed. 2011)
- Raum als soziologischer Begriff. Programmatische Überlegungen. In: WEHRHEIM, Jan (Ed.). Shopping Malls. Interdisziplinäre Betrachtungen eines neuen Raumtyps. Wiesbaden: VS-Verlag, 2007, pp. 35-53.
- Raum oder: Das Ordnen der Dinge. In: MOEBIUS, Stephan; RECKWITZ, Andreas (Ed.). Poststrukturalistische Sozialwissenschaften. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008, pp. 141-157.
- Raum und Wissen. In: ENGELHARDT, Anina; KAJETZKE, Laura (Ed.). Handbuch Wissensgesellschaft. Theorien, Themen und Probleme. Bielefeld: transcript, 2010, pp. 281-291.
- (com Jessica Wilde). Ort. In: REUTLINGER, Christina; LINGG, Eva; FRITSCHKE, Caroline (Ed.): Raumwissenschaftliche Basics. Eine Einführung für die Soziale Arbeit. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2010, pp. 181-190.
- (com Laura Kajetzke). Sozialer Raum: Verräumlichung. In: GÜNZEL, Stephan (Ed.). Raum. Ein interdisziplinäres Handbuch. Stuttgart: Metzler, 2010, pp. 192-203.
- Raum, Zeit und soziale Ordnung. In: ERNST, Petra; STROHMAIER, Alexandra (Ed.). Raum. Konzepte in den Künsten, Kultur- und Naturwissenschaften. Baden-Baden: Nomos-Verlag, 2012.
- (com Laura Kajetzke). Space-studies. In: MOEBIUS, Stephan (Ed.). Kulturforschung der Gegenwart. Von den disability studies bis zu den visual studies. Bielefeld: transcript, 2012.

As pesquisas do Prof. Dr. Markus Schroer são de significativa relevância para os estudos sobre o espaço na Sociologia. O professor titular de Sociologia Geral na Philipps-Universität Marburg é considerado um dos mais importantes representantes do debate sociológico sobre o conceito de espaço na Alemanha. Schroer concluiu sua graduação em Filologia Alemã, Ciências Sociais e História na Westfälischen Wilhelms-Universität em Münster no ano de 1992. Em seguida, realizou seu doutoramento (“O indivíduo da sociedade. Perspectivas teóricas sincrônicas e diacrônicas”) na área de Sociologia na Faculdade de Filosofia da Universidade de Münster (1998) e a livre-docência na Faculdade de Ciências Históricas e Sociais da Universidade Técnica de Darmstadt com o tema “Espaços, lugares, fronteiras. No caminho de uma sociologia do

espaço” (2004). Após o tempo como assistente científico (Universidade Ludwigs-Maximilian, Munique), seguiram-se uma bolsa de estudos do Programa Heisenberg da Sociedade Alemã de Pesquisa, atividades docentes e atuação como professor convidado (nas universidades de Basel e Viena), assim como substituto em cátedras (Philipps-Universität Marburg e Universidade de Erfurt). De 2009 a 2010 foi professor titular de Teoria Sociológica e Filosofia das Ciências Sociais na Universidade de Kassel. Após convites das Fernuniversität Hagen, Justus-Liebig-Universität Gießen e Justus-Maximilians-Universität Würzburg foi convidado, para o semestre de inverno 2010/11, para a cátedra de Sociologia Geral na Philipps-Universität Marburg. O foco central de suas investigações reside na teoria sociológica, na história da Sociologia, na Sociologia Cultural e do Conhecimento. A Sociologia do Espaço, paralelamente à Sociologia do Corpo, à da Sociologia Visual, à do Diagnóstico Temporal da Sociedade e da Sociologia dos Artefatos, caracteriza-se como atual tópico central de suas pesquisas.

Daniele Gallindo/ Álvaro Bragança (DG/AB): *A categoria “espaço” pertence hoje em dia ao instrumentário analítico nas Ciências Culturais. Isso nem sempre foi assim. Quando e onde – e naturalmente partindo de quem – o senhor vê o início da discussão sobre espaço, especialmente com relação à Alemanha?*

Markus Schroer (MS): Na realidade, espaço não pertence as categorias preferidas da Sociologia. Uma ciência apontada para o progresso, desenvolvimento e mudança social como a Sociologia considerava o espaço antes como uma espécie de empecilho no caminho da Modernidade, um entrave que deveria ser superado. O intenso debate estabelecido faz alguns anos acerca da globalização não somente continuou, como também encerrou esta tradição. Enquanto um primeiro grupo delira com a entrementes bem sucedida superação do espaço e postula uma despedida do mesmo, um segundo grupo argumenta que a globalização colocou o espaço novamente na ordem do dia, portanto, não se pode falar de forma alguma em um desaparecimento do espaço. Por conseguinte é, em especial, a afirmada irrelevância de categorias espaciais para a vida sob as condições da globalização que provoca a procura por uma localização e posicionamento do espaço. Tudo junto permite dizer que a discussão sobre a globalização proporcionou importantes impulsos para a redescoberta da categoria de espaço, com a qual se pode, de forma mais abrangente, entender e visualizar agora o processo de globalização. Trata-se, a partir da perspectiva da Sociologia do Espaço, de nada mais nada menos do que a organização espacial das relações sociais. Ao lado do debate acerca da globalização mostra-se de forma retroativa que especialmente premissas pós-modernas e pós-estruturalistas tematizaram o espaço de forma acentuada. O geógrafo americano Edward Soja, assim como o crítico literário Frederic Jameson, tiveram nesse ponto um papel decisivo – não apenas por causa de sua retomada da tematização do espaço por Henri Lefebvre, Michel Foucault e outros. Foucault compreende o século XX expressamente como “época do espaço”. Os ensaios teórico-práticos de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens também constituem um centro para a discussão sobre a importância do espaço e do espacial para o social. Erving Goffman, em contrapartida, não desempenha no contexto da discussão espacial o papel que lhe é devido, face a seu intenso envolvimento com a moldura espacial das interações, da construção e da defesa de territórios sociais. Entre os pioneiros de uma nova tematização do espaço em regiões gemanófonas eu colocaria o geógrafo social Benno Werlen e as sociólogas Gabriele Sturm e Martina Löw, cuja tematização da categoria

espaço, desprezada há tempos não apenas no discurso sociológico, introduziu, entretanto, um debate bem amplamente conduzido sobre o conceito.

(DG/AB): *A ciência vive de suas discussões e de sua heterogeneidade. Os Space-Studies podem ser hoje considerados como teoria e área do conhecimento em implementação. Contudo, com toda a unanimidade sobre a imensa relevância dessa perspectiva, certamente também existem discussões neste ramo do conhecimento entre o(a)s representantes no que tange às linhas teóricas individuais. Quem pode ser tido(a) como o(a)s mais importantes representantes dos space-studies e quais “grupos” ou “escolas” se opõem?*

(MS): Para mim, os *Space-Studies* parecem muito recentes, a ponto de já se poder falar da constituição de escolas isoladas. Em contrapartida, sente-se nitidamente uma autêntica disposição para o seu início, oriunda da redescoberta da categoria “espaço”. Passando por cima de inúmeros limites entre disciplinas, há um esforço comum para consolidar o espaço como categoria elementar das Ciências Sociais e Culturais, com o intuito de levar em consideração o conhecimento da constituição espacial do social. Com isso, já não está mais em primeiro plano a óbvia existência do espaço como categoria estrutural não problemática e não problematizada, mas sim a produção do espaço através de práticas sociais e culturais. Com esse entendimento de espaço advogado pelos *space-studies* como produto da prática, abre-se um amplo campo de possibilidades empíricas de ligação, pois o pensamento no ato da produção do espaço guia o olhar para os atores e suas ações, que podem ser observados em seus atos de produção espacial cotidianos. Por conseguinte, está em jogo, com toda esta fecunda perspectiva, uma reação contra o perigo de uma ênfase demasiada nas atividades dos atores, os quais são apresentados como sujeitos produtivamente ativos e criativos. As reações sobre os atores, que partem das configurações espaciais, podem com muita facilidade sair de vista em uma tal perspectiva. Devido a isso é pertinente que se lembre que pertence às singularidades dos espaços e das coisas o fato de que eles influenciam o comportamento e as ações humanas. O medo da repreensão por uma recaída em um entendimento espacial essencialista e geodeterminista permite manifestar como sacrossanta a referência às influências que não subjazem ao controle do ator, mas que dele se esquivam. A mim parece, por outro lado, como ponto central para uma fundamentação teórico-espacial do pensamento das Ciências Sociais não desprezar este aspecto do espaço a favor da ênfase na produção criativa do espaço através de atores criativos. Somente quando se conseguir enfatizar ao mesmo tempo os dois lados, sendo o primeiro os espaços produzidos pela constelação de atores e suas atividades e o segundo as reações dos espaços assim originados nas práticas sociais dos atores, as reflexões teórico-espaciais escaparão do perigo de reproduzir a oposição, tanto constitutiva quanto infrutífera para toda a Sociologia, de premissas subjetivas ou objetivas, perspectivas para atores e para sistemas, ação ou estrutura etc.... Seria apenas pouco inovador, caso a pesquisa teórico-espacial produzisse dois campos, a qual ou – dito de forma abreviada – acentuasse o poder dos atores ou – também de forma abreviada – o poder dos espaços, pois a tematização sociológica do espaço já se inicia com Georg Simmel e sua rejeição à posição de pesquisa que não trata do espaço como que um sujeito autonomamente agente. Não se deve mais recair para esta posição. Para além desta avaliação une-se aos *space-studies* a remoção daquele medo diante da materialidade do espaço, que pode ser encontrado por toda a parte onde se tente

conceber o espaço somente como elemento da comunicação, texto ou discurso. Não se trata por mais tempo, no caso dos *space-studies*, de uma suspensão do espaço físico-material a favor de um espaço cultural ou social estritamente diferente daquele, mas sim de uma reunião de ambos no sentido de um híbrido, que é sempre ambos. Eu entendo os *space-studies* no todo como parte de uma orientação das ciências sociais e culturais, que se caracteriza por um reforçado interesse na materialidade, no corpo e nos artefatos. Com isso também lucra a retomada dos esforços por uma Sociologia elaborada da arquitetura que já se nota há alguns anos. Digno de nota no desenvolvimento dos *studies* isolados é o fato de que, no sentido da interdisciplinaridade, se superam as fronteiras disciplinares rumo à construção de coalisões. O historiador e sociólogo de espaço que se ocupa de forma intensiva com a categoria espaço podem estar um pouco mais próximos um do outro do que os seus pares que ignoram o seu espaço. Os protagonistas repreendidos na Geografia Social e Humana como “exorcistas do espaço” estão, por outro lado, em união com a teoria sistêmica da Sociologia que esqueceu o espaço. Por essa perspectiva, partes da Sociologia introduzem dentro da Geografia Cultural e Humana o conceito amplo de considerar somente o espaço como objeto de um discurso ou da comunicação. Devido a isso alguns geógrafos comportam-se atualmente como os “melhores” sociólogos, porque assumiram de forma tão consequente (ou sem questionamentos?) a tese, inspirada especialmente pela teoria sistêmica, da emancipação das realidades espaciais nas modernas sociedades. Neste caso, contudo, deixa-se de se levar em consideração o retorno, que não deve se perder de vista, da influência da teoria dos sistemas sobre o pensamento sociológico e a orientação aumentada da Sociologia para a materialidade, artefatos, corpos e espaços, que é também registrada pelo sucesso da teoria das redes de atores de Bruno Latour, *et alii*, e pelo “*practice turn*” de Theodore Schatzki, dentre outros. A ordenação, agora tornada possível, da Geografia como parceira importante na reforçada tematização do espaço está ameaçada de se perder por causa da teimosa atitude de rejeição da Geografia e seu estreitamento de visão sobre o conteúdo simbólico dos espaços ou as semânticas culturais do espaço. Cada referência à forma material dos espaços afugenta partes amplas da Geografia assim como a água benta o demônio, pois elas supõem nela uma recaída em um entendimento geopolítico dos espaços, como outrora defendido por Friedrich Ratzel. Em contrapartida, não se pode reconhecer a partir de um ponto de vista (espaço)-sociológico, por que se deve tratar aqui de um ou/ou em vez de um não só/como também. Uma análise de espaço abrangente teria recuperado ambos os momentos analiticamente: não apenas o substrato material do social como também sua importância simbólica.

(DG/AB): *É possível falar que a categoria espaço apenas pode ganhar relevância através das tendências atuais? Como o senhor avalia o alegado spatial turn?*

(MS): Hoje em dia o espaço certamente ganha relevância como tema das Ciências Sociais e Culturais, na medida em que ele, lenta, mas seguramente evolui como uma palavra-chave sobre o diagnóstico acerca dos atuais desenvolvimentos culturais e da sociedade. Uma quantidade de encontros e redes de pesquisa produz nesse meio tempo uma bibliografia sobre o tema espaço que não pode ser mais vista apenas de relance. O atual realinhamento do conceito de espaço conduz, portanto, a um massivo questionamento das perspectivas tradicionais sobre a sociedade e sobre o social. Um conceito de espaço nas Ciências Sociais, nunca feito de forma explícita, porém de forma

implícita frequentemente pulsante, a saber, o espaço imaginado como receptáculo ou container, que pode compreender homens e coisas e lhes destinar lugares determinados, levou a uma influente suposição de que os espaços sociais coincidem com os políticos e culturais e terminam nos respectivos limites territoriais dos Estados. A suposição de que esta noção de espaço simplesmente desaparece, porque as Ciências Sociais fazem campanha em favor do estabelecimento de um conceito de espaço relacional àquele oposto, é expressão de um cientismo duvidoso. Embora o entendimento relacional de espaço dê com razão importância às práticas sociais, as quais produzem em primeiro lugar o espaço, parece-me porém necessário analisar a noção costumeiramente existente de espaço como receptáculo e observar seus efeitos. Tal noção, especialmente nos contextos políticos, parece não perder a atratividade. A partir do ponto de vista das Ciências Sociais é pertinente conhecê-la e interpretá-la. Precisamente da Sociologia dever-se-ia tratar, menos da determinação de um conceito de espaço por si só válido do que de uma análise curiosa sobre por quem, como, sob quais condições e com quais consequências o espaço é experienciado, construído e vivido.

A assim denominada *spatial turn* é uma virada dentre algumas outras viradas culturais (virada icônica, virada translacional, etc.), que se tornou nos últimos anos um importante foco de discussão. O peso da justificativa a ela associada de uma orientação para o espaço, coletivamente efetivada no campo científico, parece-me, contudo, difícil de ser sustentado, dentre outros motivos porque orientações científicas não (mais) se deixam homogeneizar de tal maneira. Em vez de se partir de uma orientação no espaço que englobe todas as ciências sociais e culturais, parece mais razoável trabalhar com o conceito de *space-studies*, que acentua de forma mais contundente a práxis científica de uma pesquisa relacionada ao espaço das disciplinas das ciências sociais e culturais, pois de forma alguma é possível pensar como se doravante o espaço pertencesse às categorias naturais do construto teórico da Sociologia. Sou de opinião que ainda existe o perigo do estabelecimento de um nicho, no qual alguns poucos *experts* no assunto se ocupem exclusivamente com o tema, enquanto pensam ainda em poder ignorar todos os outros. Uma mudança social completa-se dentro das Ciências Sociais e da Cultura de forma mais vagarosa e hesitante, porém também mais heterogênea do que alguns estrepitosos discursos sobre os muitos *turns* querem nos fazer acreditar.

(DG/AB): *O senhor poderia falar sobre Spatial Turn, Topological Turn e/ou Topographical Turn? Eles podem ser diferenciados com precisão?*

(MS): Para começo de conversa, eu vejo nesta diferenciação uma confirmação de minha tese, de que não se trata de uma orientação comum de uma ou até mesmo de diversas ciências em um novo paradigma que estabelece uma unidade. Em vez disso, mostra-se que tão logo um *turn* é anunciado, diferenciações correspondentes não tardam a aparecer. Contudo, os *topological* ou *topographical turns* não parecem ser para mim alternativas para o *spatial turn*, mas sim para representar complementos, focalizações e diferenciações, enquanto que o *spatial turn* serve como conceito geral destes *turns* de menor alcance. Neste caso, qual dos conceitos recebe a primazia tem algo a ver especialmente com as respectivas tradições, interesses e prioridades de trabalho e temáticas das respectivas disciplinas, as quais se ocupam do espaço. Desta forma, cobra-se levar em consideração o aspecto topográfico especialmente da Ciência da Cultura e da Ciência da Literatura e também do aspecto topológico, em especial da Filosofia. Caso se trate na Topografia especialmente da Cartografia, que investiga a

participação dos mapas no exercício do poder político, na Topologia a correspondência de situações relacionais entre elementos singulares ocupa o primeiro plano. Ambos os métodos de investigação também deixaram seus rastros na Sociologia, na Topologia e na Topografia, especialmente em questões que têm em vista a colocação dos atores no espaço social. Desta forma, Pierre Bourdieu empreendeu a tentativa de estabelecer um modelo relacional de sociedade, no qual a respectiva posição de um ator na estrutura social somente pode ser pensada em relação à posição dos outros atores. Com isso, a posição no espaço social possibilita a si mesma, de forma imediata, expressão no espaço físico, enquanto, de forma inversa, a posse ou não posse do espaço físico permite tirar conclusões sobre a respectiva posição no espaço social. Para Michel Foucault, a divisão do espaço, que atribue seu lugar a cada indivíduo, é uma operação elementar para a constituição do poder. A premissa sociológica do conhecimento de Bruno Latour objetiva descrever a condição espacial dos laboratórios e a disposição das coisas dentro deles como constitutivas para os resultados lá recolhidos. Os exemplos multiplicam-se arbitrariamente. Eles mostram que não faz sentido separar artificialmente o *topological* e o *topographical turn* do *spatial turn*.

(DG/AB): *Como a categoria de análise espaço pode se tornar produtiva para as investigações sociológicas ou da Ciência Cultural? Como se pode definir a Sociologia do Espaço?*

(MS): As possibilidades de aplicação da categoria de análise espaço, por causa disso, são quase ilimitadas, porque o espaço não devia ser considerado como um tema especial da Sociologia, de forma que interesse a alguns poucos especialistas, mas teria sim que ser analisado e compreendido como um componente de cada prática social. Pode-se provar isto em todos os níveis do social. Nenhuma interação é pensada, a qual, através de relações intersubjetivas e interobjetivas, não produza também uma espacialidade específica. Isto é válido tanto para organizações quanto para instituições. Também em nível global podem ser encontrados arranjos espaciais, que se concentram em “flows” (Castells) ou “scapes” (Appadurai). Neste tópico, os pontos empíricos de referência para a categoria do espaço nos níveis micro, meso e macro são imagináveis. É possível se fazer pesquisa em todos esses níveis, como as constelações espaciais são produzidas pelos atores e como os atores lidam com as constelações espaciais encontradas, qual influência o espaço pode ter no decurso das interações, como os espaços condicionam conjuntamente o comportamento dos atores, qual relação existe entre poder e espaço, como se chega à consolidação ou modificação de estruturas espaciais, como os atores se movimentam no espaço, quais espaços produzem suas ações e movimentos, etc.. O fator espaço tem que ser, por conseguinte, tematizado transversalmente através dos campos de trabalho da Sociologia: na Sociologia da família, na Sociologia da desigualdade social, na Sociologia política, na Sociologia organizacional, na Sociologia da cultura, na Sociologia da técnica, na Sociologia da religião, na Sociologia da infância, dos mídia, etc.. Aqui ainda há muito a se fazer. O trabalho acabou de iniciar-se.

(DG/AB): *„A sociedade surge como espaço, o qual é um corpo.“ (Schroer 2006: 283). Como pode ser interpretada a relação entre corpo e espaço?*

(MS): Para começar, espaço e corpo tem em comum o fato de que ambos foram tratados com muito desprezo pela Sociologia. Ambos aparecem como resíduos de um patamar

da evolução da sociedade progressivamente superado. Especialmente na teoria sociológica do sistema de procedência de Luhmann encontra-se a afirmação de um corpo, ao qual não mais se recorre fora do sistema funcional do esporte, e a tese de uma crescente emancipação das particularidades do espaço. Ambas as teses concedem ao entendimento teórico-sistêmico da sociedade algo em suspensão, pouco concreto, algo que se deseja que permaneça de forma abstrata. A herança do idealismo alemão evidentemente pesa muito e sobretudo concede à Sociologia alemã um conceito do social expurgado dos aspectos corpóreo-físicos e material-espaciais. O “*body turn*”, por um lado, e o “*spatial turn*” por outro defendem a correção deste entendimento encurtado do social. Contudo, esse entendimento do social expurgado de corpo e espaço não é o único ponto comum de ambas as categorias. O trecho do meu livro citado por vocês refere-se a uma análise da relação entre corpo e espaço em diferentes épocas históricas. Com isso, depara-se com uma quantidade de noções que tencionam compreender a sociedade em analogia com o corpo humano; descrever a sociedade como um corpo claramente demarcado para fora, cada órgão assumindo uma tarefa imprescindível para o funcionamento da sociedade. Da mesma forma, do lado inverso, depara-se na História da Cultura e na História das Idéias com noções que pensam o corpo eventualmente como espaço organizado hierarquicamente, no qual também se podem diferenciar áreas centrais muito negligenciadas. Em conjunto, espaço e corpo estão especialmente presentes pelo fato de se constituírem através de uma demarcação de fronteiras interiores e exteriores, as quais tentam mantê-la de forma estável sem ceder por completo aos desafios da abertura completa ou do fechamento total. Já que nos dois casos o encerramento não pode ser absoluto, ambos estão ocupados com a organização do trânsito fronteiro entre interior e exterior. Uma penetração sem entraves em uma área constituída como espaço próprio ou corpo próprio é interpretada como ameaçadora. Os cidadãos que não pertencem à CE e penetram na “Fortaleza Europa” deixam-se escandalizar de forma mediana diante deste pano de fundo como os gêneros alimentícios envenenados que penetram no corpo. Apesar da História que alcança um passado distante e da crença na comparação superada pelas teorias de modernização, os corpos subjetivos e coletivos ainda continuam a ser paralelizados – em especial, pois, quando se trata da rejeição do forasteiro.

(DG/AB): *O tema deste dossiê é ‘Tempo e Espaço e suas Representações’. O senhor já tinha chamado a atenção para isso: “Para além da pergunta, o que são tempo e espaço, é decisivo como são tratados espaço e tempo” (Schroer 2006: 180). Em sua opinião, o que deve ser considerado com respeito a esta relação?*

(MS): Esta passagem do meu livro refere-se primeiramente e em especial ao fato de que em um acesso das Ciências Sociais e Culturais ao espaço e ao tempo não se pode tratar da tirada de conclusões ontológicas do que *são* o espaço e o tempo. Trata-se de observar, pelo contrário, em uma perspectiva genuinamente sociológica, como espaço e tempo são produzidos e utilizados. O tempo e da mesma forma o espaço não são fatos sempre encontrados na realidade, mas sim categorias, com cujo auxílio se pode ordenar o ambiente natural e social. Emile Durkheim já tinha evidenciado o caráter social do espaço e do tempo. Em consequência disso em ambas as categorias trata-se de noções e classificações coletivamente divididas, as quais possibilitam, antes de mais nada, uma vida social regrada. A morfologia social, oriunda de Durkheim e continuada por Marcel

Mauss e Maurice Halbwachs, salienta a necessidade de classificações coletivamente divididas além de tempo e espaço pelo fato de que a sociedade não é somente um construto do pensamento, mas sim aparece em formas materiais e encontra expressão. Para tanto, a morfologia social fornece uma ocasião propícia para a Sociologia da Arquitetura, que valida as obras de construção e as formas de construção como indicadores para a constituição particular da sociedade. Logo, as sociedades dão uma determinada forma espacial a si mesmas. Por conseguinte, especialmente no sentido de um princípio teórico-prático, deve-se dar valor ao fato de se pensar o espaço como algo que é produzido através das práticas cotidianas dos atores. Em vez de se interessar pela movimentação dos atores em um espaço dado *a priori*, como fazia a Sociologia Urbana tradicional, deve-se dirigir a atenção para o fato de que esse espaço é regularmente produzido, reformado e renovado pelas atividades dos atores. Interessa a uma pesquisa orientada de forma praxiológica como isso acontece nos seus pormenores. Com isso, deve-se insistir para que, no que diz respeito à ênfase das possibilidades de plasmação dos atores, não se descuide dos aspectos poder e desigualdade social, os quais frequentemente desempenham um papel na prática. Os diferentes ambientes de uma sociedade, por fim, não podem ser diferenciados pelo fato de lhes serem atribuídos de forma absoluta diferentes espaços, de lhes sugerir a entrada em certos espaços e de desaconselhar a entrada em outros. A possibilidade de plasmação dos espaços é distribuída de forma desigual e diante de tal cenário os fenômenos do vandalismo e da destruição dos espaços são mais uma vez interpretados de forma diferente.

Visto no conjunto, não se deve mais considerar espaço e tempo como adversários, mas sim analisá-los em sua interação. Com isso reconhecer-se-á que o tempo não mais pode significar **per se** transformação, desenvolvimento e história, enquanto o espaço ainda é associado a estagnação, rigidez e estabilidade. Não obstante, ambos podem significar tanto uma quanto outra coisa. Os espaços não são obstáculos ao movimento e à aceleração, mas sim põem-se em movimento, tornam-se flexíveis, variáveis e passíveis de transformações. Isso pode ser observado na arquitetura recente e nos materiais por ela utilizados. Os edifícios, tradicionalmente sempre imaginados como estáticos, estáveis e rígidos tornam-se tão móveis, que se pode falar sobre uma crescente proliferação da arquitetura do mobiliário. Pode-se definir tal tipo de arquitetura como aquela que vai ao encontro das necessidades do nômade moderno, na medida em que sejam utilizados materiais leves, que se trabalhe com *layouts* flexíveis e sejam construídas moradias transportáveis. Todavia, este processo não pode ser entendido como uma vitória do tempo sobre o espaço, como gostam de sugerir os eufóricos adeptos da globalização e da aceleração. Tendências de aceleração não se creditam simplesmente ao tempo, enquanto tendências de desaceleração são imputadas ao espaço. De fato, as duas tendências podem se encontrar de novo em ambos os lados: a alta velocidade da vida, tida como uma das características básicas da Modernidade, é regularmente freada por tendências de desaceleração, de espera e de pausa: o imenso sucesso do turismo de bem-estar, o engarrafamento, não raramente aceito com gratidão por conceder um pequeno intervalo na agitação dos negócios cotidianos e a espera ritual em aeroportos e estações ferroviárias são indícios deste tendência. Que espacialidades organizadas de forma específica oferecem o ambiente correspondente para os intervalos tanto involuntários quanto bem-vindos não significa que o espaço seja em geral irmanado a sedentarismo, descanso e estagnação. Pelo contrário, os próprios espaços também se põem em movimento, tornam-se dinâmicos e versáteis, de forma que podemos relacioná-los com espaços que garantam descanso, segurança e refúgio da

mesma forma que com espaços, os quais não resistem à tendência para a aceleração, mas sim, por assim dizer, acompanham-na de forma afirmativa. Espaço e tempo, contudo, aproximam-se neste ponto um ao outro, porque nós não mais lidamos em um contexto pós-moderno com um modelo linear de tempo, em consequência disso um tempo é substituído pelo seguinte, porém com um entendimento de tempo antes cíclico ou em forma de espiral, que mais e mais transforma uma sequência temporal em uma co-disposição espacial paralela, a qual possibilita o encontro entre épocas muito distantes umas das outras.